

**LUIZ
RUFFATO**

**INFERNO
PROVISÓRIO**

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Luiz Ruffato

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

KIKO FARKAS E ANA LOBO/ MÁQUINA ESTÚDIO

Revisão

RENATO POTENZA RODRIGUES

LARISSA LINO BARBOSA

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruffato, Luiz

Inferno provisório / Luiz Ruffato. — 1^a ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2793-1

1. Romance brasileiro I. Título.

16-06210

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 153

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARZ SA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

UMA FÁBULA	15
O MUNDO INIMIGO	23
A mancha	25
A decisão	32
Ciranda	47
O alemão e a puria	57
A danação	65
Paisagem sem história	71
A solução	74
O barco	80
Estação das águas	92
A homenagem	96
VISTA PARCIAL DA NOITE	109
Inimigos no quintal	111
O segredo	114
Cicatrizes	140
O ataque	148
Aquele Natal inesquecível	157
Roupas no varal	160
O profundo silêncio das manhãs de domingo	164
Vicente Cambota	173
O morto	179
Jorge Pelado	186
UM CÉU DE ADOBE	193
A expiação	195
Era uma vez	209
Amigos	242
Aquário	250
Um outro mundo	265
Carta a uma jovem senhora	273

Mirim	285
Haveres	289
DOMINGOS SEM DEUS	295
Trens	297
A demolição	300
Sulfato de morfina	306
Vertigem	313
Sorte teve a Sandra	321
Sem remédio	325
Milagres	333
Zezé & Dinim	341
OUTRA FÁBULA	385

UMA FÁBULA

André, André pequeno, Andrezim, parto difícil, até o último respiro a tia Maria Zoccoli suava ao alelumar: dos que chegaram pelas suas mãos e vingaram, o pior, nasceu sentado, embora doesse-lhe quantos inascidos!, abortos horrendos, monstros, aleijados, anjinhos semeando o lado de trás, o das bananeiras, das casas das fazendolas nos derredores de Rodeiro, quantos! Andrezim não, vicejou, quase afadigando de vez a Micheletta velha, mulher efêmera, sempre dessangrada, azul-clara de tanta brancura, atrofiada na cama, doente todo ano, embarriada, esvaindo a mocidade pelos baixios, vinte anos de gravidezes, um estupor, treze rebentos — oito filhas-mulheres —, espiados, cabelos algodão tão louros, bochechas avermelhadas engordando vestidos de bolinhas, caras apimentadas enchendo calções esgarçados. Prático, o Pai, o Micheletto velho, costumava passentar os nenéns: seis, sete meses passados, se o raio continuava a berrar na hora de mamar, encilhava o cavalo numa sexta-feira e, terno-gravata, ia na Rua registrar o novo Micheletto, nomes brincando na cabeça. Frente ao tabelião, à pergunta, Como vai chamar?, acabrunhava, e, para não se vender xucro, sacava a primeira lembrança da Bíblia e homenageava o fedegoso, aliviado. Domingo de tardinha apeava no terreiro seu metro e oitenta, fazia festas para as crianças, mãos cheias de balas, e para os cachorros, e ia deitar, palmilhando o sono esquecido nos quartos adamados da rua do Quiabo. E eram tantos os nomes, tantos os rostos e tão pouca a ciência, que renunciou a singularizar a fisionomia de cada um daqueles bichinhos que habitavam os corredores da casa. Quando necessário, ordenava, Filho, isso assim e assim, Filha, isso assim e assado, e candeava suas afeições, mais pelas criações e pela lavoura que pela prole, que aquelas dão trabalho, mas alegrias, e estas, decepções apenas.

Desdobrou a família, entre machados e queimadas, arados e enxadas, no fundo do fundo de uma barroca enquistada meio caminho de Rodeiro para a serra da Onça, por detrás, cruzando enviesado pelas Três Vendas, pouco mais ou menos coleando as águas nervosas do rio Xopotó, uma gruta adquirida com o sol montado nas costas, nos encabritados cafezais do Piau, solto no mundo, desmadrado de pai e mãe, enfezado na empreita da limpa das ruas até a panha dos grãos

maduros, para depois, orgulhoso, nota sobre nota, escriturar aquele mataréu vassalo de bestas selvagens, uma imundície de jaguatiricas e jaracuços gordas como braço de homem-teba, veados-mateiros e cachorros-do-mato, sapos-cururu e tatus-galinhas, macacos-prego e lobos-guará. Estreou derribando árvores e alastrando fogo nos tocos, puxando água de uma mina com engenharias de bambus-gigantes, marretando pedras para soldar as bases do corpo da casa seis-cômodos, as mãos febris de calos, os ombros empapados de sangue pisado. Aprumou paredes na amarração de caibros e cumeeiras, recobriu o teto, tijolos e telhas-cumbuca trazidos em lombo de burro da olaria do Antônio Spinelli para industriar aqueles fins de tudo. E, presidiário de sua obsessão, comeu sete meses de sua vida na ampla solidão do paraíso, labutando de antes do sol espantar a roncaria da madrugada até os dedos formigarem de sono, pois urgia o tempo: à luz de lamparinas caprichava na carpina — mesas, banquetas, baús, bancos, guarda-roupas, guarda-comidas. Quando deu por finda a faina convulsiva, compareceu, fosse uma visão, na Rua, socado dentro de um terno-gravata marinho mandado feitiar no Singulani, asas imensas na senjeiteza dos modos, pés escalavrados no pelourinho da bota rinchando de nova, de casa em casa da colônia caçando a eva que iria povoar aquele mundo virgem de vozes. Demorou um nada para preferir uma menina-Bettio, Chiara, recém-moça, catorze anos, que pela largura das ancas mostrava-se boa parideira, embora magra e intimidada, corpo forrado de sardas, e fraca da cabeça, como descobriria depois, já fora de prazo para desfazer o negócio.

Domingo, o Micheletto velho reservava para, além de assistir missa na igreja de São Sebastião, revolver pendengas, ferrar o cavalo, comprar mantimento no Maneco Linhares, miudeza na loja do Turco, cascar arroz na máquina, tomar uns goles no Pivatto, tratar da bergenha de um garrote ou de um cachaço, levar uma encomenda, um troço, outro. Os olhos de André iluminaram o Pai num dia assim: dois enormes braços compridos guindaram-no aos ombros do gigante, que, meio bêbado, desfilou pela praça, orgulhoso, apontando nas grimpas das árvores o bicho-preguiça, servindo pipoca para os saguis ariscos, chutando os viralatas sonados. O ranço do fumo, que exalando dos bastos bigodes ruivos debruçados por sobre a boca impregnava os já ralos cabelos louros, os olhos azuis, a roupa de algodão ordinária, os poros, tudo, mais o ácido cheiro da cachaça, zonzearam-no, a vista emudeceu, quantos anos tinha então?, dois?, três? Quantos afagos ainda lhe faria aquele homem?, tão alto que temia batesse a cabeça nas nuvens; tão calado que assustava quando reboava a voz; tão esquisito que, ao cruzá-lo no calçamento, os conhecidos, garimpando os chãos, soltavam um muxoxo, que era um cumprimentar não cumprimentando; tão sistemático que o evitavam na estrada; cujo capricho reservara ele todo para seus alqueires cercados de achas de braúna e arame farpado porteira adentro: onde antes sujeiras de matas, pedras, voçorocas, cupins, agora pastos de guzerá e gir; pomar de limas, limões, tanjos, laranjas, sidras e mexericas; roças de fumo, milho, café, cana, arroz; abacate, manga, jaca; frangos, patos; cachorros, gatos; horta. Mais

tarde, André recordaria as madrugadas em que, desperto pelo zunzum da noite, espiava, pela greta da janela do quarto que dava para a vargem, o Pai de pé, envolvido pela friagem, esticando a vista treva adentro para consultar cada planta, cada animal, cada broto, cada filhote; macho o suficiente para abandonar a soca e guerrear com uma onça que rasgou o Nego, bostinha de cadelo espojador, bobo, interesseiro, covarde, mas registrado entre seus haveres; enérgico o tanto que capaz de enfieirar os anos sem se dirigir à pessoa de sua esposa, desdenhando-a até na missa de corpo presente, por entendê-la inapetente para gerar filhos-homens ou, parindo-os, para administrá-los vivos, pois, dos cinco meninos, só dois sobrevieram no tempo. Os restantes foram-se, caídos um a um pelos sete palmos: o de três ofendido por urutu-cruzeiro; o de doze, estrepe no pé, que nem emplastro de língua-de-vaca com azeite-doce sujigou, morreu preto, feito o lombo luzidio de um negro no eito; o de dezoito, macambúzio, com as vísceras corroídas pela formicida. Entretanto, as meninas, que não serviam para nada, essas engordava e encaminhava para os casamentos, enjeitando-as logo que regravam, receio das desgraças vindouras que toda mulher carrega escondidas na intimidade das roupas, como aquela, cujo nome não se pronuncia, mas cujo infortúnio até a poeira dos atalhos sussurra. Tempos idos, um cometa varreu a região, nariz bem falante empombado num sebento terno-gravata, escandindo uma língua mais enrolada que as rugas da italianada antiga, sobraçando duas malas de papelão, de onde nasciam, mágicos, bingas e cestinhos de agulhas, retroses e botões, misses e véus, carretilhas e rolos de cabelo, uma porqueira de coisa miúda. Confiado, impingia suas quinquilharias, O patrãozinho não tem dinheiro? Vai deixar as meninas aguadas? Ô, patrãozinho!, e, molhando a ponta do lápis nos lábios, garranchava encomendas numa caderneta cheia de orelhas; e, quando não se dava mais por ele, alguém novidava, O cometa chegou!, O cometa chegou!, feriado nacional. O Pai amuletou no cabo da enxada mirando a fumaça que a chaminé assoprava, especulou pela mais velha, Viu ela não? Desceu do milharal à sete-léguas, mandou aprontar os cavalos, espremeu a garrucha no cós da calça, amarrou a espingarda e um enxadão na sela, e, com os dois empregados, desafiou os silvos da noite estradeira. Dizem que, verde em verde, atocaiou os apóstatas numa pensãozinha em Astolfo Dutra, mas o estrangeiro, saltando pela janela do quintal, fugiu a nado, atravessando o rio Pomba e desaparecendo rumo ao Rio de Janeiro, enquanto a moça ele arrancou de dentro do quarto, arrastou pelos cabelos, enlaçou numa corda e saiu puxando, ele montado, ela, nem um pio, a pé, olhos recurvos, até que na encruzilhada da cidade alcançou-o o delegado, dois soldados. O Pai, tirando o chapéu, Se mete não, seu doutor, é distúrbio meu, vale a pena não, e o homem, atemorizado, dirigindo à moça, Você é filha dele?, e ela, casmurra, balançou a cabeça positivamente, e o Micheletto velho, É uma chaga, doutor, e comandou o baio, Vamos, minha gente. Na subida da serra da Onça apeou, meiinho do dia, amarrou o cabresto num pé de pau e levou a madalena amarrada para o alto do pasto, sol à pique, desatou o nó, Vai, desgraçada, vai embora, vai pra bem longe, anda!, berrou, empurran-

do-a por entre touceiras de capim-gordura; ela, chorando, Pai; ele, apontando a espingarda, Vai, desgraçada, estou mandando; ela, Pai, me perdoa, pai; ele, encostando o cano no seu rosto, Vai, desgraçada, estou mandando; ela, Pai; e pôs-se a correr, desesperada, quando então a explosão de um tiro suspendeu os barulhos da tarde e os empregados, assustados, viram o Pai retrocedendo na direção do cavalo, pegando o enxadão, Façam uma cova bem funda pros bichos não comereem, é carne minha, e botem uma cruzinha em cima, é carne minha, espero nas Três Vendas. E quando, lusco-fusco, lá aportaram, acharam bêbado o Micheletto velho, escorado na densa fumaça azulada do cigarro de palha. Fosse essa a única morte inscrita em sua testa e já estaria condenado para o todo e sempre, mas não: afundou o punhal no peito de um compadre litigante, que, apaniguando um encardido tirador de lenha em terra sua, mostrou ele mesmo sua cobiça; e ainda outra, um meeiro fuinhoso, que enquizilou na partilha de uma ressocca, ele mais um filho graúdo, e vieram batendo cabeça estrada afora até o rapaz pegar um fueiro e acertar o flanco direito do Pai, que, tirando a garrucha, mandou dois tiros no homem e um no moço, que sumiu, gotas escuras na poeirama.

Na tarde em que avistou, do alto do estreito caminhinho que abandonando a estrada de chão que liga Rodeiro à serra da Onça levava àquele fundo de grotão, a casa seis-cômodos naufraga no fundo da perambeira, a ampulhetá da vida de Chiara Bettio, a Micheletta velha, inverteu: ela começou a morrer. E esgotou hora a hora, a saúde murchando na sangria estúpida de partos, e o juízo escapan-do por entre as fímbrias das úmidas árvores que uivavam nas noites intermináveis. De começo, pensava, pelo menos a visitaria a família, mas, desatinou, o Pai rompeu com os Bettio, assenhorando de que parente nenhum viria rondar coisas suas, algemando-a nos cordões umbilicais de gravidezes sem fim, largando-a desamparada a minguar num quarto de portas e janelas trameladas por fora, de onde saiu, anciã aos trinta e cinco anos, rija, enrolada numa toalha de mesa, tão pássara que até o vento insistia em carinhá-la na derradeira viagem de carro de boi cantador até a igreja de São Sebastião, quando, para comparecer digna à missa de corpo presente, vestiram-na em madeira, gente havendo que desacreditava, É ela mesma?, É ela?, sussurrando na delonga do cemitério, vinte anos encafuada, Era doida, precisava deixar ela trancada, murmuravam todos, Ah, coitadinha... A mãe, os olhos de André iluminaram, manhã de sol, ele acocorado brincando de boizinho com melões-de-são-caetano atrás do quarto proibido, junto a um barranco de mais de dois metros de altura, o mundo entretido nos seus afazeres, um sibilo escoou da greta da janela, Psiu, Psiu, levantou assustado, Psiu, Psiu, e deparou com um olho enterrado na escuridão do lado de dentro, É, menino, um cadáver a voz, É, menino, ar mastigado, Me ajuda eu, abre aqui, paralisado farejou, onde os irmãos e irmãs?, onde?, só aboios distantes, Éêê!, Ôôôô! Mexe aí não, menino, te sento a mão, te arrebento você!, a sombra do Pai sobrerralhando. Abre, menino, me ajuda, forçou a tranca, É duro, Destramela a porta, então, menino, menino bonzinho, ciciou, Vai, menino bonzinho. Volteou a casa, atravessou a cozinha e a despensa, as mãozinhas giraram a madeira e um

bafo pustuloso impregnou para sempre suas vestes, até na hora má aquele cheiro pântano lhe causaria engulhos, e quando as vistas costumaram com o negror do cômodo, enxergou, sentada sobre o colchão de capim, berço de percevejos, a Louca, debruçada sobre si mesma, uma estufada barriga, emoldurada por braços e pernas só ossos, sobrando de uma camisola ordinária, esdrúxulo bizarro, olheiras maquiando a escassa cabeleira de lêndeas, lençol pontilhado de pulgas esmagadas, Pega água pra mim, tomou a bilha, encheu a caneca, Tem um inferno me secando os dentros. Mais não houve, a mão árida do Pai assobiou seu rosto, mais não houve. E quantos outros roxos no corpo de André ainda desenhariam aquelas mãos? Uma birra, uma cisma, um desgoverno, um escorregão, uma chuva, um desando, uma febre, um sumiço, um descontrole, uma desinteligência, tudo dava nos nervos do Micheletto velho, que, cego, usava o que estivesse à frente, porrete, corrião, vara de marmelo, bambu, relho, chicote, cacumbu, até quando?, revoltava-se, até quando?

Ausentes braços machos, o Pai levou a roça, enquanto pôde, com o adjutório feminil, embora lerdo o serviço das meninas, cozinhando e areando vasilha, carreando caldeirão de comida e café coado na hora, capinando e arando, aguando a horta e pajeando gado, ajeitando a casa e varrendo o terreiro, tirando leite e batendo manteiga, estalando fumo e tocando o macaco, colhendo milho e debulhando, lavando roupa e passando, embora, vira e mexe, tresandasse uma no altar de algum varão, menos um braço para puxar enxada, mas menos uma boca, noves fora nada, sem atentar que rendia às formigas-cabeçudas e cupins, às voçorcas e mata-pastos, aos pulgões e aos vermes, ao desmazelo que a tudo sufoca: onde o cercado de milho?, a plantação de feijão?; onde o curral?, o chiqueiro?; onde o pasto pras novilhas? Depois que enterraram a Louca, o Pai, besteiro, concordando na diáspora dos sobrantes, dispersos aos quatro cantos, sitiou-se na fazendola, homiziado entre os animais, comendo, bebendo e dormindo com eles, bicho ele mesmo, cevando conversas acaloradas em tardes agônicas, cadeiras espalhadas pelos passeios de Rodeiro, pito de mães para exemplar criança espetada, depois alusão, lenda, nada, enfim: a barroca asselvajada, temida, submersa no silêncio primevo, encapsulada no esquecimento, suspensa na memória.

Orgulhoso, aos quinze anos André já conduzia seu nariz às roças fronteiras de Rodeiro, alugando a enxada em jornadas para os lados do Diamante e para os lados do Corgo do Sapo, nunca para as direções da serra da Onça, frangote espinchado, pernalta, reservado e cinza, de dia esculachado em dentro do brim e da camisa de manga comprida riscada, bota dura no pé, chapéu de palha esfiapado, cigarro sem filtro margando o céu de boca, mas, depois, lavados os pés, a cara, os braços e as partes, virava outro, iludido em cima da sua Göricke, espelhos retrovisores e campainha trim-trim no guidão, punhos com franjas multicoloridas, limp-raios nas rodas, paralamas e capa de selim com escudos do Botafogo, farol de dinamo, muda de roupa limpa, dentes brilhosos, cabelos finos assentados com Brylcreem, perfume ordinário no cangote, enfiando-se pelas cinco ruas, Tarde!, Tarde!, os dedos à aba respeitosos, sapeando uma rodinha de conversa-

-fiada, outra de truco apostado, outra de cachaça, outra de maledicência, outra de bobageira, assuntando solitário por baixadas e pastos, no Alto do Cruzeiro e no estradão só pó, uma charrete, uma Rural, um cavaleiro, um de a pé, ninguém, a solidão dos desertos silenciosos, aflito por dentro, uma tremedeira na flor da pele, uma estranheza, nos fins de semana pousando na casa das irmãs casadas, almoço aqui, janta ali, cafezinho lá, ciganado, divertindo com as moças nos arrasta-pés, com os velhos na malha, com os iguais nas peladas, nas brigas de galos, nas rinhas de canário, com o irmão nas visitas às zinhas da rua do Quiabo, pé direito na igreja, esquerdo no botequim, suspiroso, um zumbido nos ouvidos, um dia encorajar-se, aventurar em Ubá, dizem que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá, janelas pintadinhas de olhos, baixava a canga, iria ainda, deixa estar, arrumava emprego numa fábrica de móveis, ganhava dinheiro, punha um implante de dente de ouro na boca, e, depois sim, caçava uma noiva, casava, pois, a que outro fim se destina a vida? E perseguia essa toada, decidindo terça-feira ir embora para a semana, já arquitetando o desfazimento dos trens, A enxada negocio, E a bicicleta?, E a bicicleta?, e, não deparando com solução, catapultava a viagem para data mais adiante, aí esbarrava na compromissama, uma partida do segundo-quadro do Spartano, o batizado de um sobrinho, a crisma de um afilhado, uma pescaria, um enterro, um olhar buquê-de-promessas, até que, ao fisgar um sabonete numa barraca de pescaria na quermesse da festa junina da igreja de São Sebastião, o irmão tocou seu ombro, chamando-o para um canto, “André, esse é o Salvador”, disse, apresentando um sujeito mais velho que ambos, trinta anos talvez, espessa barba preta, apertou a mão sem calos, “Salvador, seu criado”, falou, simpático, “André”, balbuciou, “Seu criado”, repetiu, encabulado, “Vou precisar muito de vocês”, afirmou, infiltrando na multidão aglutinada em frente ao palanque, onde o Santo Chiesa leiloava as prendas, um garrote o maior lance, ouviu, ao passar debaixo do alto-falante dependurado na árvore, “Pedro”, falou, sôfrego, acompanhando com dificuldades os passos do irmão no meio do povo, “Pedro, o quê que esse Salvador fez que vai precisar tanto assim da gente?”, e ele, tentando não perder de vista o homem, respondeu, apressado, “Nada ainda... Vai fazer...”

O MUNDO INIMIGO

A mancha

Marquinho morreu faltando pouco para completar oito anos, atropelado por um cataníquel numa segunda-feira de agosto, todo serelepe, orgulhoso da rabiola e do cortante do seu papagaio. Passara a tarde do domingo num corre-corre danado, varetas, papel de seda, vidro moído, tesoura, cola, carretéis. Ao terminar, noite entrada, buscou dormir cedo para que a manhã se anunciasse logo. No entanto, a ânsia de se tornar dono dos céus da Vila Teresa, talvez até mesmo dos céus de Cataguases, impediu que pregassem os olhos antes da madrugada.

Bibica levou semanas para acreditar que nunca mais veria o Marquinho entrar estabanado no barraco, sempre aturdido, como se acabado de aprontar uma arte. Que nunca mais escutaria o vrum-vrum dele subindo e descendo as escadas do Beco, sob pena de acabar escorregando, Ai meu deus!, e quebrar um braço, uma perna, Minha nossa! O seu Zé Pinto alertou tanto! Éta, menino atentado! Um dia desses esborracha no chão! O Marquinho franzino, perrengue, relento como ele só. O Marquinho, esse, não veria mais, nunca. E o que a deixava doente era, por uma razão que não atinava, não conseguir lembrar das feições do filho. Jamais confundiria o cheiro do seu mijo no colchão de capim; as suas ninharias — uma manivela, uma latinha de grude, uma caixinha vazia de rapé, uma bola de meia, o saquinho de biloscas — permaneciam impregnadas de sua voinha esganizada; os poucos farrapos mantinham ainda a febre do seu corpo. Mas: como era o feitio do seu rosto?, o formato e a cor dos seus olhos?, a costura da sua boca?, o desenho do seu nariz?, o contorno do seu queixo?, o rasgado das suas orelhas? Tudo isso esfumara.

(“Bibica, seu Zé Pinto falou que eu vim na enchente. Eu não tenho pai, Bibica?”)

“Claro que tem, menino. Seu Zé Pinto estava é caçoando de você.”

“E cadê ele?”

Cadê ele?

“Foi pra guerra. Morreu. Que Deus o tenha!”

“Guerra? Ele morreu na guerra? Arrá!”

Marquinho saía desabalado.

“Bibica, que guerra?”

Que guerra?!

“Os meninos zombaram de mim, diz-eles que no Brasil nunca teve guerra...”)

Bibica batia roupa debruçada no tanque, quando ouviu a freada brusca. O pelo dos seus braços arrupiou, enxugou as mãos no avental, por instantes paralisada, fora de si. Naquela noite tinha tido um sonho ruim... dentes... dentes podres... não recordava direito... parecia aviso... Desnorteada, subiu para a rua. Ao chegar no passeio, Zulmira abraçou, em prantos, Que desgraça, Bibica, que desgraça! Zumbi, desvencilhou-se, um caminhão de toras encostado em frente à mercearia do seu Antônio Português, um cataníquel parado na direção contrária. Arrastando pernas de chumbo, abriu uma clareira no ajuntamento e deparou com o corpinho caído sob as rodas do cataníquel, uma poça de sangue, a cabeça esmigalhada, o sol escureceu.

Bem em frente à mercearia do seu Antônio, Antônio Português, boa bisca!, que destino!, o começo, o fim. Uma mulher desiludida, quando largou a Ilha. Lavava roupa pra fora, dinheiro curto, um aperto criar os dois filhos sozinha, o Zunga, o Jorginho. A custo, arrumara aquele barraco no Beco do Zé Pinto, sem força, amontoados todos no mesmo cômodo, um frege! Sofria com a fama de perdida, queria apagar aquela passagem, uma gosma, uma lepra, uma nódoa que não saía nem esfregando com todo o sabão do mundo. Dessa mancha aproveitou seu Antônio, bode velho.

O Beco inteiro comprava fiado na venda dele, anotava na caderneta, menos ela. Uma manhã se pegou assuntando: como ferver aquele mundaréu de roupa se não tinha dinheiro nem para o querosene? Acendeu o pito, e, cachimbando, tomou a resolução de ir falar com o seu Antônio. Não era possível ele não fiar para ela. Que perguntasse para o seu Zé Pinto se ela não pagava o aluguel e a pena d'água direitinho, todo fim de mês, nota sobre nota; e se não pagava o Homero para rachar lenha para ela, de quinze em quinze dias; que especulasse de todo mundo se devia para alguém, se reuniam alguma queixa contra ela, uma mulher direita, sim senhor.

Encontrou o seu Antônio sozinho, entretido em dispor as quitandas na vitrina. Bom dia, seu Antônio. Ó, senhora dona Bibica!, bons dias! Como vais? Do jeito que Deus dispõe, seu Antônio. Arrodeou, sem coragem para chegar no assunto. Posso ajudá-la, dona Bibica? Bem, seu Antônio, é que... será que... assim... não tem jeito do senhor me vender um litro de querosene não? Sexta-feira eu pago, se deus quiser... Fiado, dona Bibica? Fiado... Coçou a cabeça, tirou o lápis de trás da orelha, garatujou qualquer coisa no papel de pão. Ela esfregava as mãos, agoniada. Com os olhos nas sandálias encardidas, perguntou: Será que

é porque eu já fui da Ilha, seu Antônio? Se for por isso... Ele pigarreou, consternado. E encabeçou uma folha de caderno com o nome dela.

Daí para a frente, quando entrava na venda e tinha alguém jogando sinuca ou totó ou com a barriga encostada no balcão tomando um Grapette ou um Abacatinho, seu Antônio tratava-a friamente. Mas, se sozinho, todo dengo. Pegava na sua mão, desfazia-se em mesuras, brincava, perguntava se necessitava de alguma coisa... Ela passava por desentendida, no fundo percebendo que ele, sabia-se lá por quê, estava assim, como... como que dando em cima dela. No começo, enfastiada — só porque tinha sido mulher-dama, só por isso! —, convenceu-se, envaidecida. Há muito se sentia um bucho, incapaz de despertar interesse... E, de repente...

Seu Antônio... Ó, dona Bibica!, estava mesmo a precisar que alguém me ajudasse num negócio cá dentro. Ele abriu a portinhola, ela entrou, acompanhando-o à despensa. No estreito corredor de engradados de cerveja e refrigerante, ele a encarou, lúbrico, Dona Bibica, sussurrou, envolvendo-a em seus braços, o gosto de fernetê à força se misturando ao de fumo ordinário. Assustada, quis gritar, ele a soltou, recompondo-se, Meu deus, o que estou a fazer? Bibica, sem achar o que dizer, caçoou, arrumando o vestido: Seu Antônio, não sabia que o senhor apreciava safadeza. Respeite-me!, dona Bibica, ele falou, grave. Se soubesses... A Filhinha, coitada, está a envelhecer... não quer mais saber... deste tipo de coisa... Mas ainda sou homem... tenho vontades, falou, cabisbaixo, regressando ao balcão.

Dias desguiou do passeio da venda, medo da reação dele. Mas aí começou a faltar de tudo em casa: sabão, pau de fósforo, pó de café, macarrão, fubá, pedra de anil. Quando de novo a avistou, seu Antônio cobriu-se de satisfação. Ansioso, entoou a discursama: Ai, dona Bibica, não sei o que me deu... Se a senhora... tens todo o direito... eu não devia... eu sei... mas é que... Ai, Jesus! E desfiou a lamentação. Que a Filhinha era um tormento na sua vida, que não o deixava fazer nada, nem acompanhar jogo do Operário, coisa de que gostava tanto. Que, agora que os filhos encontravam-se encaminhados, achou que ia ter um pouco de sossego, ela ficou doente dos nervos, redobrou a rabugice, Ai, dona Bibica! Ai, que sou um desgraçado!

Prometeu mundos e fundos. Que ia botar casa para ela, que assim que a Filhinha melhorasse um pouco — Agora, cuide a senhora, os médicos estão a querer internar a infeliz em Juiz de Fora — ele largava tudo, Tudo, dona Bibica! E passou a sufocá-la de presentes: pó de arroz, perfume, água de rosas, batom, espelho, esmalte, correntinha banhada a ouro. Quê que eu vou fazer com essas coisas, seu Antônio?, resistia ao assédio, porque, vivida, sabia que tudo aquilo era mentira, fantasia, ilusão. Mas, até quando teria forças? (*meu deus protegei-me nesse momento difícil livrai-me das tentações será que ele gosta de mim de verdade bobiça ele quer é aproveitar mulher de zona homem é tudo a mesma coisa chupa a laranja joga fora o bagaço já conheço meu deus quantos deitaram na minha cama falararam bobagens na minha cabeça fosse lá eu acreditar estava perdida*)

perdida e mal paga levantavam da cama punham a roupa e saíam pela porta com aquela mesma cara lambida fosse lá acreditar em promessa e se seu antônio estiver mesmo gostando de mim pra valer não não é possível casado estabelecido homem de bem não vai largar a família por causa de uma valha-me deus que pernilongada d-a-n-d-a é noite essa vai ser daquelas tem durma-bem no guarda-roupa não não tem acabou preciso comprar acender de noite pra espantar ave maria cheia de graça o se-nhor é convosco vou à missa das sete tanto tempo já o padre fala aquelas coisas bonitas orapronobis orapronobis primeira fila véu na cabeça as filhas-de-maria lá atrás pes-coço levantado os pobres os ricos mais perto do altar tem gente tão sem asseio melhor ficar sozinha acreditar que seu antônio gosta de mim por quê não de repente um milagre essas coisas acontecem a cátia não casou com o dono de uma lojinha lá em leopoldina não não nasci com estrela deus ajuda sabe-se lá não não sou escolada conversa-fiada éta pernilongada disgramada que calor meu deus a missa orapronobis creio em deus pai todo poderoso criador do céu e da terra capela cheia vou levantar cedinho a lata d'água pra lavar o rosto calor seu antônio fala fala fala a missa na comunhão dos santos na remissão dos pecados na vida eterna)

Bibica levantou cedo para a missa das sete na capela da Casa de Saúde. Ao passar pela venda, as pernas empacaram. Atrás da porta cerrada, rádio ligado, seu Antônio, adivinhou; quis ir embora, o corpo desobedeceu. Bateu uma, duas, três vezes, Ó, dona Bibica, entre!, a voz em seus ouvidos, reverberando, deixando-a zonza, amolecida, a dentadura bonita escondida pelo imenso bigode preto, preto como seus olhos e seus cabelos emplastrados de Glostora. A avalanche azul da manhã, as agulhas de sol trespassando as garrafas de bebida nas prateleiras, os passarinhos cantando no pé de amêndoa, o sotaque do seu Antônio, *Só pode ser coisa do demo*, enfeitiçaram Bibica. A porta se fechou às suas costas.

Borrifou um resto de perfume no cangote, empetecou-se toda e dirigiu-se à venda para comunicar a boa-nova. Deparou com o Matias comprando uma lata de gordura de coco, perguntou, sem jeito, se seu Antônio tinha, falou qualquer coisa, saiu, permaneceu à distância, tocaindo... Quando o Matias se afastou, retornou.

“Onde vais, dona Bibica, tão vistosa assim?”

“Lugar nenhum não, seu Antônio. É que... eu precisava conversar com o senhor...”

“Comigo?”

“Lembra, seu Antônio, quando o senhor falou em amigar, botar casa?”

“Amigar? Botar casa?”

“É. Agora... agora é o momento, sabe...”

“O que a senhora está a dizer, dona Bibica? Fala logo, ó, criatura!”

“Seu Antônio... eu acho que... eu acho que peguei filho...”

“O quê?”

Seu Antônio arrastou Bibica pelo braço até o banheiro fedendo a creolina, imprensando-a contra a parede.

“Ficaste maluca? Queres destruir meu casamento?, desonrar meu nome na praça? Queres envergonhar-me frente aos meus filhos? Enlouqueceste, dona Bibica? Com certeza, enlouqueceste!”

Andou até o passeio, olhou um lado e outro, possesso.

“Então vens ao meu comércio para dizer-me um desatino desses? Não tenho nada com isso, dona Bibica! Nada! A senhora é que procurou-me, dona Bibica, a senhora é que engracou-se toda. Minha Filhinha lá em Juiz de Fora, internada, doente dos nervos, e me vens com tamanho despropósito! Sou um homem estabelecido, dona Bibica, um homem honrado! De onde vens? Da lama! Uma rameira! Ora, faça-me o favor! Ponha-se daqui para fora!”

Branca de susto, Bibica só conseguia balbuciar, “Desculpe, seu Antônio, desculpe... não fiz por mal... desculpe... Não sabia que o senhor ia ficar tão brabo, desculpe...” E escapuliu, chorando.

Bibica amargou muito no princípio. Depois arrumou mais duas lavagens de roupa para ajudar a distrair, a não pensar em besteira. De manhã à noite na lida: lavava, esfregava, batia, enxaguava, quarava, estendia, secava, recolhia, passava, entregava. À noite, um sono de pedra. Dia a dia a barriga crescendo, vagos tremores em suas entranhas. Quando não se achava entretida debruçada no tanque, vinham medos, *Meu deus, o menino* (tinha certeza que ia ser menino) *vai vingar?* *Será que é todo perfeitinho? Vai dar muito trabalho? Vai ser alguém na vida?* Fez até promessa: correndo tudo bem, levaria ele para consagrar num doze de outubro em Aparecida do Norte.

Seu Antônio viajou com a mulher para Portugal, sonho antigo. Reviu a aldeia de onde saíra aos dezessete anos e aproveitou para resolver pendengas anti-gas, questões de herança, casebres velhos, pouca valia. Voltou após dois meses, colocou abaixo a venda, o Armazém Nossa Senhora de Fátima, e levantou a ampla e moderna Mercearia Brasil.

Marquinho nasceu setemezinho, cresceu franzino, sempre perrengoso, uma macacoa hoje, outra, amanhã. E brigão. Bibica ralhava com ele, punha de castigo, não adiantava. Esse menino precisa é de couro de corrião!, Se a senhora não corrigir, Bibica, o mundo corrige, aconselhava o Zé Pinto, cansado de pegar ele roubando frutas no quintal, atrás do beco. Mas Bibica não tinha coragem de bater, *Ele já tem tanto problema, coitado*, e relevava as traquinagens.

“O Marquinho foi pego roubando fruta-pão na Chácara, Bibica. O Amâncio deu uns coques nele.”

“O Marquinho levantou a saia da dona Olga, Bibica. Ela vem aqui falar com a senhora.”

“O Marquinho entrou no grupo, rasgou os saquinhos de leite-ninho, espalhou nas salas de aula e ainda cagou na mesa da diretora, Bibica. A polícia só não prende ele porque ele é de-menor.”

“O Marquinho foi na Ilha, Bibica. O Murrudo quase arrancou a orelha dele. Ele ficou lá chorando.”

“O Marquinho perdeu no bafo e enfiou a mão num menino lá do Beira-Rio, Bibica. Tirou sangue.”

“O Marquinho quase afogou no rio Pomba, Bibica. O Jorginho que salvou ele...”

“Bibica, o Marquinho pegou a atiradeira e acertou no vidro de um fenemê que estava parado na frente do botequim do Zé Pinto. Foi caco pra tudo quanto é lado! Mas ninguém sabe que foi ele não.”

“Bibica, corre que o Marquinho levou uma chuchada. Está lá no campinho estatelado. É sangue que não é brincadeira!”

Internado às pressas, perfuração na bexiga, ficou uma semana morre-não-morre na Casa de Saúde. Bibica chorava, se descabelava, culpava-se. Já devia de ter cumprido a promessa de ir a Aparecida do Norte, mas quede jeito, meu deus?, não tinha dinheiro, viagem longa, e trabalhava tanto, sempre tão cansada!, Deus havera de compreender. Uma manhã, a enfermeira convocou-a de lado, falou que o Marquinho tinha melhorado, talvez recebesse alta no dia seguinte. Ele regressou para casa, mas não controlava mais o mijão.

E ali, à sua frente, o resultado de todo o seu sofrimento: o caixãozinho roxo da Prefeitura deixa à mostra o corpo magro do Marquinho, a cabeça envolta em gaze, *Um desastre tão estúpido, meu deus, tão estúpido! Como uma coisa dessas acontece? Que desgraceira! Não bastassem as dificuldades todas... e tudo acabar assim... de uma maneira tão...* Passara a tarde a poder de calmantes. Agora, quase meia-noite, à luz das velas tremulam sombras espichadas na parede, o Jorginho dorme em algum vizinho, o Zunga, esse deve de estar na Ilha, a Zulmira, *Coitada, tão boa*, sentada na única cadeira do barraco, pingando de sono, já não se falam, *Amanhã o pessoal sai cedo pra trabalhar, cinco e meia, às seis a fábrica apita, não vai ninguém no enterro?* Zulmira levanta, “Bibica, vou dar uma olhada no Luzimar e na Hélia, já-já eu volto. Vou coar um café pra nós, vê se descansa um pouquinho”. Bibica, moída, tonteia ao deixar a cama, o telhado, a cumeeira, o picumã, *Preciso passar o basculhador, tirar as teias de aranha, coitado do Marquinho, coitadinho, meu deus.* Passos lá fora. *Dona Zulmira?* Assusta-se. *Não, não pode ser:* seu Antônio, terno-gravata azul-escuro, ultrapassa o portal, trôpego, para, a mão esquerda aperta o peito, odor de parafina derretida, cambaleia, a testa merejada de suor, acerca-se do caixãozinho, “Meu deus, quanta miséria!, quanta miséria!”, balbucia, as pernas tremem, ganha o beco, a escuridão o engole.

Apressada, Bibica arrasta-se até a porta, nada, nenhum sinal. A noite embriaga-se com o cheiro doce das damas-da-noite.

A vizinha traz café quente numa caneca de ágata malhada azul e branco. “Zulmira, você viu?” “Viu o quê, Bibica?” “Não viu nada?” “Não, Bibica, nada.” “Não viu alguém rondando aí fora?” “Não, Bibica, não vi. A senhora está cansada. Deita, vai... tenta repousar um pouquinho...”

Ai, Marquinho, ele nunca viria, Marquinho, ele nunca viria...

Os dois caixeiros da Mercearia Brasil esfregaram, várias manhãs, o sangue que grudou nos paralelepípedos. Até soda cáustica usaram. Mas a mancha permaneceu lá. Depois, quando ninguém mais lembrava do Marquinho, ela sumiu.